Meninos do Rio

Uma breve história da tatuagem na cidade do Rio de Janeiro

Luís Berbert[1]

Resumo: Este artigo se propõe a explorar o legado artístico e cultural deixado na cidade do Rio de Janeiro pelas três distintas gerações de tatuadores surgidas na cidade a partir da década de 70 e aqui identificadas. Partindo de entrevistas a mim concedidas, faço um recorte específico, mostrando o ponto de vista de cada geração, suas motivações, seus conflitos e visão dessa arte, antes considerada marginal e que agora atinge uma representatividade nunca antes alcançada.
Palavras-chave: tatuagem, corpo, arte, Rio de Janeiro

O corpo, lugar de soberania do sujeito, é a primeira matéria de ligação com o mundo (LE BRETON, 2004, p 16)

A tatuagem como uma forma de expressão artística, modo como é vista nos dias de hoje, é um fato novo. Poucas décadas atrás essa arte corporal era destinada somente aos indivíduos que viviam a margem da nossa sociedade exibiam com orgulho (ou escondiam) suas marcas. Nos últimos anos a tatuagem vem sendo elevada ao status de arte por instituições do meio, como museus e galerias de arte. Mas nem sempre foi assim.

A pratica da tatuagem no Ocidente tem passado por distintos contextos sociais. Inicialmente, como arte "exótica", foi introduzida pelos viajantes e pelos marinheiros do século XVIII que, seduzidos por esta arte corporal praticada por distintos povos aborígenes (especialmente os das ilhas do Pacífico), começaram a tatuar seus próprios corpos. Posteriormente, no século XIX e no início do século

[1]Luís Berbert é tatuador com mais de vinte anos de experiência e graduado em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição onde hoje cursa o mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos. Desenvolve um trabalho sobre a tatuagem como forma de registro de memórias afetivas e comunicação através de símbolos, além realizar uma pesquisa sobre a história da tatuagem na cidade do Rio de Janeiro.

XX, setores marginais da sociedade, como presidiários, meretrizes e soldados, apropriaram-se da tatuagem, que alcançou especial importância nos ambientes dos cárceres, onde foi popularmente conhecida como a "flor do presídio", como descrito por Catherine Grognard no seu livro *Tatouages* de 1992. A passagem por esse tipo de universo social fez com que a tatuagem começasse a ser identificada como uma marca de marginalidade, atuando em duplo sentido: como meio e como estigma social. No ano de 1967, tribos urbanas como motoqueiros, roqueiros, *hippies* e, de maneira mais radical, os *punks* e os *skinsheads* foram se apropriando desse imaginário, adotando a tatuagem como uma marca corporal através da qual ostentavam sua vontade de romper com as regras sociais e de se situarem à margem da própria sociedade.

O estigma negativo da tatuagem começa a mudar a partir dos anos 1980, com o estabelecimento de modernas lojas exclusivas (dotadas de equipamentos especializados, materiais descartáveis e diferentes meios de promoção), a profissionalização de seus praticantes, o melhoramento da técnica e, sobretudo, as novas formas de conceber o corpo como obra-prima de construção do sujeito e aberto às transformações. A tatuagem torna-se, assim, uma das opções estéticas mais procuradas pelas novas gerações.

No Brasil o processo de modernização da prática de tatuagem segue um caminho mais lento em razão da dificuldade de acesso às novas técnicas e, principalmente, à máquina elétrica. Os avanços nesse campo dependeram basicamente dos tatuadores estrangeiros que, chegando ao país, se converteram em intermediários da nova tecnologia da tatuagem. É o caso de *Tattoo Lucky*, nome adotado por Knud Harald LykkeGregersen, imigrante dinamarquês, marinheiro e de família de tatuadores, que desembarcou no Brasil em 20 de julho de 1959 (data hoje reconhecida como o dia do tatuador), aqui ficando até sua morte em 1983, e que se converteu, com o passar dos anos em "mito de origem" da tatuagem contemporânea brasileira. Seu prestigio deveu-se ao domínio que tinha da técnica moderna e, em particular, da máquina elétrica, em um momento em que a tatuagem ainda era praticada de forma rudimentar. Lucky tornou-se, assim, uma

referência importante para as novas gerações de tatuadores e, em especial, para os pioneiros da moderna tatuagem como os cariocas Caio Tattoo e Thyés, que vivenciaram com ele, se assim podemos afirmar, a primeira escola de tatuagem, através de um processo de aprendizagem informal, característica deste oficio que guarda cuidadosamente os seus segredos e truques.

Assim, durante a década de 1970 o mundo da tatuagem viveu um período de experimentação, de passagem das "agulhas caseiras" à fabricação de máquinas elétricas. O jornalista Toni Marques, autor do livro o Brasil Tatuado, descreve a evolução brasileira da seguinte forma: "Entrou em ação o jeitinho brasileiro. Gravadores, vitrolas, aparelhos de barbear e aceleradores de autorama foram sacrificados em nome da arte. " Igualmente, os lugares onde se tatuava eram improvisados em pequenos espaços dentro de galerias, academias de ginástica, barbearias e em geral na própria casa dos tatuadores. Nessa época, a tatuagem mantinha *status* de ofício doméstico, artesanal praticado por amadores, em um ambiente no qual predominavam as relações de amizade e um jeito de festa.

Foi somente a partir dos anos 90 que começaram a ser estabelecidos estúdios de tatuagem com toda a parafernália moderna instrumental, materiais descartáveis e catálogos de desenhos, que tentavam imprimir uma nova imagem de profissionalismo, de qualidade artística e de procedimentos higiênicos em relação à pratica, embora sem fácil aceitação social em função do estigma que o trabalho carregava. Esta é a razão pela qual as novas gerações de tatuadores confrontaram-se com problemas que iam além de questões meramente técnicas (que prevaleceram nas décadas anteriores) situando-se no campo simbólico, na luta pelo reconhecimento social da tatuagem.

Hoje, o papel do tatuador é o de um artista que transforma a pele do tatuado em uma obra de arte circulante. Efêmera – mas que dura uma vida – a tatuagempassou a ser um símbolo que traduz subjetividades, a do tatuador e a do tatuado. Obra de arte que produz afeto, mas, na maioria das vezes, apenas para a pessoa que a carrega consigo. Nas últimas três décadas, de forma tímida, a tatuagem começa a abandonar o seu status de marginalidade. Periódicos sobre tatuagem circulam em

profusão pelo mundo, como a revista *Tattoo Life*, publicada em cinco idiomas (inglês, espanhol, italiano, francês e português). Programas de televisão exploram exaustivamente o conceito de "tattoo-art", toda uma geração está tendo sua percepção de tatuagem moldada em favor desse reconhecimento por programas como *Miami Ink, L.A. Ink* e até a versão brasileira, Rio Ink.

Galerias e museus estão abrindo cada vez mais espaço para a tatuagem. No Rio de Janeiro, por exemplo, em 2013 a Homegrown Galeria de Arte Urbana, situada em Ipanema, realizou a exposição "Novo Tradicional" onde foram expostas 32 obras dos tatuadores Alan Ramone, Denys Melo, Raphael Torres e Rafael Plaisant. As obras mostram as ramificações de seus trabalhos e suas influencias, que surgem da necessidade constante de se criar e inovar, todas focadas no estilo *new traditional*, mas cada um com sua assinatura específica. " Queremos apresentar esse lado dos tatuadores como artistas que pintam obras que deveriam ser apreciadas e legitimadas. ", relata Pedro Henrique Rodrigues, sócio proprietário da galeria. Realizada em 2014, com curadoria de Pedro Sánchez, doutor em design pela PUC, em cartaz no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaitá, a mostra *Flash Day* – Autoria na Tatuagemconta com os trabalhos de quatro tatuadores: Iuri Casaes, Leo Pereira, LooStavale e Rafael Plaisant, e aborda a idéia da tatuagem como trabalho autoral e a sua relação com o design, expondo não apenas o processo de popularização dessa prática e sua afirmação como importante manifestação da cultura visual contemporânea, mas principalmente o desenvolvimento de um público especializado, que passa a consumir uma tatuagem de autor, buscando e valorizando o estilo pessoal de cada tatuador. Em 2014, na ArtRio, vimos entre pinturas, esculturas e fotografias, as obras do tatuador Daniel Tucci. O *Tattoo Week* Rio teve a sua sexta edição em 2018. Segundo os seus idealizadores, o evento é uma forma de dar aos tatuadores uma estrutura para a divulgação de sua arte e para mostrar que o Brasil também é uma referência de arte impressa na pele.

Internacionalmente, temos como exemplo exposições como *Time – TattooArtToday*, no *Somerset House* em Londres. Setenta tatuadores de todas as partes do mundo criam um trabalho exclusivamente para a exposição. É a pele

sendo substituída pelas telas; é o traço do tatuador, nas mais variadas combinações iconográficas, nas paredes do museu. Em 2015, a exposição *TATTOO*, no *MuseumfürKunstundGewerbe* em Hamburgo, explorou 150 anos da história da *bodyart* através de fotografias e vídeos. Susanna Kumschick, antropóloga suíça e curadora da exposição, se diz surpresa que a tatuagem não tem sido um assunto explorado por museus de design e arte até recentemente, "Na antropologia, a tatuagem é um grande assunto, porque é observada em tantas culturas e tradições. Mas comecei a pesquisar e percebi que ela nunca tinha sido abordada em museus de arte ou de design, apenas em museus de história ou civilização. " conta a curadora. *LA Skin&Ink,* exposta em 2012 no CAFAM de Los Angeles, mostra o papel da tatuagem em Los Angeles nos últimos 60 anos. Entre os objetos expostos víamos equipamentos utilizados no processo da tatuagem, desenhos, flashes (folhas com séries de desenhos para comercialização) e fotografias.

Ao observarmos a evolução da tatuagem e sua busca de reconhecimento e afirmação como forma de arte, levando em conta seu contexto na cidade do Rio de Janeiro, fica claro a existência de três gerações distintas de tatuadores e os seus conflitos, derivados de diferentes formas de agir e pensar.

Temos uma primeira geração que surgiu em meados dos anos 70, com maior destaque para a Zona Sul da cidade, onde se estabeleceram os primeiros estúdios profissionais de *tattoo*. Discriminação, falta de informação, brigas por território que terminaram em mortes e uma forma de trabalho completamente artesanal marcaram essa geração.

No início dos anos 90 surge uma segunda geração de tatuadores que, influenciados pela qualidade artística dos trabalhos de profissionais de outros países, buscam aplicar algumas técnicas de pintura em seus trabalhos. Este período também é marcado pela propagação de diversos estúdios profissionais de tatuagem por toda a cidade.

Em meados dos anos 2000 começam a aparecer os tatuadores artistas, muitos deles influenciados pelo sucesso da tatuagem na mídia, em programas como Miami Ink e L.A Ink. Essa terceira geração é basicamente formada por artistas de outras

áreas (grafite, pintura, ilustração). Eles são atraídos pela grana e pelo glamour existente no universo da tatuagem, ou pelo menos é sob essa ótica que eles são vistos pelas gerações anteriores.

Como objeto de estudo para esse artigo, realizei entrevistas com três tatuadores profissionais das três gerações. Antes de colocar a forma como estes tatuadores percebem a sua condição de artista, vale expor uma breve história de como surge a tatuagem profissional no Brasil.

Em "O Brasil tatuado e outros mundos", o jornalista Toni Marques descreve a trajetória de Knud Harald LykkeGregersen, o MrTattoo, ou como ficou mais conhecido depois no Brasil e no mundo, Tattoo Lucky. Em 20 de julho de 1959, Lucky desembarcava no porto de Santos e se apresenta as autoridades como desenhista e pintor. Menos de seis meses depois já era notícia de jornal, aparecendo na Folha de São Paulo como dono do primeiro estúdio de tatuagem do Brasil.

Imaginem o sucesso. Um dinamarquês tatuador, em plenos anos 60, a colorir a vida do povo do porto do estado que não pode parar. Adotado pelo cais, viveu a vida do povo, viveu milhares de vidas de seus milhares de clientes. Contava quarenta e cinco mil tatuados, em trinta anos de carreira, vinte e quatro dos quais no Brasil. Descontados os clientes estrangeiros, temos em torno de, inicialmente, trinta mil molduras brasileiras para a arte de Lucky, uma vida em estampas.

> "Sempre na Boca, porque é aqui que eu sou necessário. Este é um mundo triste. A gente vive cercado de miséria durante o dia, e de noite é tudo falso. Mas para mim a Boca é um vício."

Dentro de um quartinho sem janela, as paredes tomadas pelos desenhos e quadros, apenas duas cadeiras e uma bancada abarrotada de tintas, Lucky compôs em duas décadas um mosaico fragmentado e carnal do Brasil. A colagem imaginária de todos os seus trabalhos teria a cara de seu país adotivo, sem deixar de ser um retrato universal dos tatuados. Disse ele a O Globo:

> "Os homens querem ser tatuados por dois motivos principais: a fé e o amor, amor às mulheres, ao país, à profissão. Mas existe outro motivo: o exibicionismo ruim, dos violentos, que acham tatuagem marca de valentia. Os jovens têm igualmente uma razão própria: eles são diferentes, querem se mostrar, porque não se envergonham de seus corpos, ao contrário, gostam deles."

Lucky chegou a ir ao ar via satélite, nos programas de auditório de Flávio Cavalcanti e Silvio Santos. Virou curta-metragem exibido antes de sessões de cinema. Morreu no auge do reconhecimento. Mas antes de morrer Lucky já tinha dado sua amizade a uns poucos jovens, clientes e amigos, clientes transformados em amigos e aos jovens em que tinha visto o brilho do seu ofício.

Os desbravadores

Em 1975, Caio Pinto Freire resolve sair do Rio de Janeiro para ir se tatuar em Santos com Lucky. Começa assim a trajetória de Caio Tattoo, proprietário do Caio Tattoo Studio situado no Leme e um dos precursores da tatuagem profissional no Rio de Janeiro.

Ao se mudar para São Paulo em 1976, Caio, que já possuía algumas tatuagens no corpo e sempre foi apaixonado por desenho, resolve entrar nesse mundo. Procura um ex-presidiário tatuado que morava no seu bairro, conhecido como Pépe, e pede explicações de como foram feitas as tatuagens dele. Começando, assim, a fazer suas primeiras tatuagens em amigos, tatuagens essas feitas com agulhas amarradas em palitos de picolé, da forma mais artesanal possível. Nessa mesma época já existia um estúdio em São Paulo, do italiano Marco Leony, que segundo Caio não dividia sua experiência com ninguém.

Dois anos depois retorna ao Rio de Janeiro onde conhece um outro tatuador da Zona Sul, o Thiés, tornam-se amigos e começam a compartilhar informação. Chegam a construir juntos algumas máquinas de tatuagem rústicas, feitas com

barbeador elétrico. Conseguiu comprar sua primeira máquina profissional de tatuagem seis anos após ter começado a tatuar, de um membro do motoclube*Hell'sAngels*, que trouxe de fora do país. A passagem do processo artesanal para um mais sofisticado foi difícil pela diferença na técnica aplicada. Segundo Caio foi uma fase complicada, pois era difícil ter acesso a informação sobre a tatuagem, não existiam as facilidades da internet, das revistas especializadas, lojas de materiais, além da forte discriminação que os tatuadores e tatuados sofriam.

> "Essa foi uma época difícil, porém foi uma época de valor. Os tatuadores se respeitavam muito."

Ao ser questionado sobre sua aprendizagem, Caio se diz autodidata. E considera que o trabalho de tatuador, pelo menos na época que ele começou, estava mais próximo de um artesão do que de um artista.

> "A tatuagem perdeu aquela magia que ela tinha, aquela coisa bonita. Antigamente não, o cara era só tatuador e passava muita dificuldade para aprender e ser reconhecido (...) A tatuagem banalizou. Você era tatuador, tinha os desenhos prontos e a pessoa escolhia, hoje em dia a tatuagem evoluiu, um tatuador hoje em dia é um artista, um artista que pinta quadro, que desenha pra cacete, antes não. Mas muita gente que antes não era tatuador, era artista, hoje quer ser tatuador (...) Hoje em dia o cara é artista plástico, faz quadro, faz pintura ou faz desenho e resolve ser tatuador porque é melhor, porque ganha mais dinheiro. (...) Entra no mundo da tatuagem só com aquele lado artístico, mas perdeu o lado de tatuador ..."

A maior queixa da primeira geração em relação às novas, pelo ponto de vista de Caio, é uma falta de respeito pelos mais antigos. Isso ainda é resquício de uma época onde respeitar o território de outro tatuador era importante. Vários casos de brigas, algumas terminando em morte, foram registrados nesse período de disputa territorial.

> “Hoje em dia você vê o tatuador mais como artista do que como tatuador, entendeu ... Tudo bem, hoje em dia evoluiu, você vê uns trabalhos excelentes que antes não tinha, como é a evolução de tudo, tudo evolui, tudo modifica ... Mas aquele lado de respeito, aquele lado de tatuador, isso se perdeu, com o tempo se perdeu ...”

Momento de Transição

Foi na metade dos anos 90 - no contexto das duas primeiras convenções internacionais de tatuagem no Brasil - que Fabio Ribeiro começou a entrar no mundo da *tattoo*. Quando perguntamos o que o motivou a ser tatuador, ele diz que foi o interesse pela arte e o fascínio pela atitude da cultura underground. O interesse pela arte veio dos *shapes* de skate e dos desenhos de histórias em quadrinhos. A atitude? Do movimento punk. Segundo Toni Marques, nos anos 90 o perfil da clientela ia se diversificando e a tatuagem perdendo estigma negativo que tinha nos anos 70. Para o artista, a vida ainda era difícil. Além da dificuldade de encontrar materiais (agulhas, tinta, máquinas, etc.) de boa qualidade, não havia a possibilidade de um aprendizado mais “formal”:

> "Eu aprendi a tatuar nos meus amigos. Aprendi com alguns tatuadores antigos. Eu observava o trabalho deles, quando eu tinha acesso, o que era difícil. Era um círculo muito fechado. Eles não abriam as portas pra quem queria aprender tatuagem com eles. Eu precisei ir pra outro estado, fui pra São Paulo aprender com o pessoal de lá. Passei vários perrengues, dormia nuns lugares muito loucos. Aprendia com os amigos que também queriam ser tatuadores, a gente ia trocando informação. Basicamente aprendi sozinho, fazendo."

Ao analisarmos o trecho acima, não podemos deixar de fazer um paralelo com o texto de Maria Silvia Porto Alegre, Mãos de Mestre. O aprendizado do artesão e do

tatuador têm raízes parecidas: a observação, a vontade de aprender e o aprendizado coletivo. Nas palavras de Dona Raimunda, tecelã cearense:

> “Eu vivia na casa de pessoas que trabalhavam, e eu toda vida fui inteligente, (...) quando eu quero fazer uma coisa, basta eu ver a pessoa fazer, eu me interessando, eu vou quebrar a minha cabeça, vou fazer – e faço mesmo, viu?”

Teria isso a ver com o lugar da tatuagem no mundo da arte? Nos dias de hoje, assim como o artesanato, a tatuagem ainda não está completamente integrada ao circuito artístico formal. Mas isto está mudando. Hoje já existem workshops e cursos para tatuadores. Essa nova geração de tatuadores, para Fábio, “já pegou o negócio um pouco mais mastigado” e isto abre portas para uma especialização.

> “A geração posterior a minha se especializou mais, os mais sérios só... e eles são bons nisso. Às vezes são mais reconhecidos do que aquele cara que tem técnica diversificada."

Ao mesmo tempo em que defende a especialização do tatuador em um só estilo, Fábio diz que gosta de “saber fazer de tudo” - do tribal ao realismo, passando pelo oriental - e que isso é uma característica de sua geração. Na visão dele, é necessário, no mercado de hoje, o tatuador saber fazer tudo. Afinal, a demanda é grande. Fábio fala em banalização. Banalização esta que, apesar de permitir a especialização de muitos artistas, também aparece como um problema...

> "Essa questão do mercado mais aberto e a banalização da tatuagem provocou meio que uma prostituição da profissão. Alguns profissionais estão mais preocupados com o valor da tatuagem... quanto os outros cobram pra poder cobrar mais barato. Eles não se preocupam com o seu trabalho, com a evolução do seu trabalho para que eles possam alcançar um status de arte, para que eles possam cobrar como arte."

Ao analisarmos o depoimento de Fábio, fica claro que a sua expectativa para a tatuagem é o seu total reconhecimento no mundo da arte. É a esperança de que os tatuadores explorem a sua arte, o seu estilo e que busquem o domínio do tatuar.

Mas, para isso, Fábio acredita que também é preciso uma mudança na mentalidade do consumidor. O cliente não pode, simplesmente, querer ter uma tatuagem porque "tá na moda". Não pode procurar "o cara que só faz decalque". Ele tem que marcar a sua pele para expressar sua personalidade, sua atitude. Tem que ter gosto pela arte.

O Futuro é agora

Alexandre Miguel Ferreira de Almeida, mais conhecido como Miguel AFA, ou somente AFA para o universo do grafite, realidade da qual ele faz parte desde 2001. Artista de destaque nesse meio, participou de vários eventos, sendo os mais importantes o Art Rua 2013 e o coletivo Homegrown no MAM. Começou a tatuar em 2013, mas graças a estreita relação entre o mundo do grafite e o da tatuagem, convive com a realidade dos estúdios cariocas desde 2004, quando conheceu o tatuador e também grafiteiro CH2, formando com ele em 2008 a *crew* F.T.G. (*Face theGiant*), nome retirado de um filme evangélico, pois na época os dois frequentavam a igreja.

Apaixonado por desenho e já com uma grande bagagem artística, AFA sempre teve vontade de aprender a tatuar e aplicar na tatuagem seu conhecimento, mas a idéia de algo permanente na pele de alguém gerava nele muita insegurança. A paternidade veio para mudar isso ...

> "Quando eu recebi a notícia de que iria ser pai, eu falei ... Cara, vou começar a tatuar para acrescentar um na minha renda, aí eu caí pra dentro da tatuagem mesmo, sem medo. Foi a coisa que me deu a motivação. Vou ter que aprender essa parada (...) Mas aí eu vi que era muito maior que todos os medos que eu tinha. A parada era muito mais sinistra do que eu imaginava. É realmente uma responsabilidade imensa e a cada momento que você pega na máquina, tem que estar muito atencioso."

Miguel AFA não se considera autodidata, segundo ele o aprendizado da tatuagem se dá de forma coletiva, é uma transmissão informal de conhecimento, onde se aprende muito nas conversas e observando outros tatuadores. Mas considera mais fácil de conseguir essas informações com os mais novos, pois os mais antigos ainda mantêm o hábito de reter o conhecimento.

> "Agora que eu conheço um pouco mais o universo da tatuagem de dentro, vejo que tem semelhanças com o grafite, tem as guerras de ego, como em todo universo artístico, seja na ilustração ou na pintura. Estudei dois períodos na EBA e vi que lá também tem essa guerra de ego. Na tatuagem não seria diferente. Eu já ouvi muitas vezes de tatuadores mais antigos que por saber desenhar e pintar, isso não seria suficiente para me tornar um bom tatuador, porque para ser tatuador não precisa saber desenhar. Já percebi que isso é da cultura dos caras mais antigos, principalmente dos tatuadores de bairro que tatuam há mais de trinta anos e não são conhecidos (...) Existe essa cultura ..."

Mesmo tendo começado em um estúdio grande e conceituado no Rio de Janeiro, fato que para alguns seria uma facilidade, AFA considera ter encontrado alguns obstáculos nesse caminho, causados pela experiência de ser um artista de outra área que migrou para a tatuagem.

> "Eu vejo uma diferença gritante entre os tatuadores das novas gerações, que não se limitam somente a tatuagem e acabam tendo uma visão mais ampla do que os antigos."

Considerações

Observando as declarações obtidas de um membro de cada uma dessas três gerações de tatuadores do Rio de Janeiro, levando em conta que são opiniões pessoais e não resumem o todo de uma categoria, fica clara a mudança de uma realidade onde os tatuadores mais antigos possuíam uma visão de si mesmos e de

seu aprendizado. O tatuador era um profissional que repetia um desenho já feito, trabalhava de forma rústica (e valorizava isso), não compartilhava informações com qualquer um e dominava, algumas vezes de maneira violenta, um determinado território da cidade. Essa realidade começa a se transformar com a introdução de novos profissionais que procuram se especializar em determinadas áreas de desenho e pintura para, com isso, melhorar seu trabalho como tatuador, tendo um diferencial dos anteriores, que é a capacidade de criar novos desenhos, além do surgimento de vários estúdios profissionais na cidade, acabando assim com as disputas por território. A realização das convenções de tatuagem foi fato determinante para essa nova era de tatuadores. Agora surge uma nova geração que, motivada pela ascensão da profissão de tatuador, migra de outras áreas artísticas para a tatuagem e não tem medo de compartilhar seu conhecimento para uma melhora de toda a categoria, muitas vezes se reunindo em coletivos artísticos para exposições e trocas de novas técnicas.

Bibliografia:

- GROGNARD, Catherine. Tatouages. Tags à l âme. Paris: Syros Alternatives, 1992

- LE BRETON, David. Sinais de Identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Mosótis, 2004.

- MARQUES, Toni. O Brasil tatuado e outros mundos. Rio de Janeiro: ROCCO, 1997.

- PORTO ALEGRE, M. Sylvia. Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição. São Paulo: MALTESE, 1994.

- VAN DINTER, MaartenHesselt. Tribal Tattoo Designs. Amsterdam, Netherlands: Pepin Press, 2000